

**O ESTRANGEIRO na obra de Plínio Salgado: matrizes, representações, apropriações e propostas**

**Maria Izilda Santos de MATOS\***

**Leandro Pereira GONÇALVES\*\***

**Resumo:** Plínio Salgado é conhecido como líder e mentor do movimento integralista, todavia, a sua atuação literária teve grande destaque no cenário cultural brasileiro e português. Na sua ampla produção, merece menção o romance *O estrangeiro* (1926), no qual destaca a figura do imigrante no desenvolvimento da nação e aprofunda a crítica à sociedade de então, refletindo sobre o modelo nacionalista a ser empregado no Brasil. Esta pesquisa buscará analisar esta obra em interface com as propostas dos eugenistas paulistas sobre a questão da imigração.

**Palavras-Chave:** Plínio Salgado. Eugenia. Imigração.

**‘The Foreigner’ in the works of Plínio Salgado: Matrices, representations, appropriations, and proposals**

**Abstract:** Plínio Salgado is known as leader and mentor of the Brazilian Integralism movement, however his literary work was also of great significance in the Brazilian and Portuguese cultural scenes. From his substantial range of works, *O estrangeiro* (1926) deserves special mention, a novel which features the figure of an immigrant in the nation’s development and deepens the critique of society, before reflecting on the nationalist model employed in Brazil. This research seeks to analyze this work in correspondence with proposals of São Paulo eugenicists on the issue of immigration.

**Keywords:** Plínio Salgado. Eugenics. Immigration.

Estes escritos analisam *O estrangeiro*, o romance-manifesto escrito por Plínio Salgado, em 1926. Buscou-se recuperar as matrizes, representações, apropriações e propostas do líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), para tanto foi rastreada a sua trajetória na década de 1920, seus interlocutores políticos e intelectuais (modernistas e

---

\* Professora Doutora – Programa de Pós-Graduação em História – PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Rua Ministro Godói, 969, 4º andar - 4E8, Perdizes, CEP 05015-000, São Paulo, SP, Brasil. Apoio do CNPq (Bolsista de Produtividade em Pesquisa Pq 1 A). E-mail: mismatos@pucsp.br

\*\*Professor Doutor – Programa de Pós-Graduação em História - PUC-RS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Av. Ipiranga, 6681, Prédio 3, Sala 303, CEP 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil. Apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e CAPES. E-mail: leandro.goncalves@puccrs.br

eugenistas paulistas), a fim de recuperar suas propostas nacionalistas, sua oposição ao cosmopolitismo, visões sobre o estrangeiro e indicações para as ações imigrantistas, presentes na obra.

### **Trajatória, ações e inserções na capital modernista**

*Convença-te a ti mesmo e depois convencerá os outros.  
Plínio Salgado*

Plínio Salgado nasceu no interior do estado de São Paulo, em São Bento do Sapucaí, no ano de 1895, onde, ainda jovem, alcançou posição de destaque intelectual e político. Na década de 1920, transferiu-se para São Paulo, iniciando uma nova trajetória intelectual, cultural e política.

Na capital paulista, Plínio procurou integrar-se a grupos intelectuais, buscando perspectivas culturais e políticas. Inicialmente, por meio da apresentação de Nuto Sant'Anna<sup>1</sup>, que já havia publicado alguns dos seus trabalhos no *Correio Paulistano* (órgão oficial do Partido Republicano Paulista – PRP), conseguiu uma colocação como suplente de revisor, não tardaria a ser promovido, em virtude da intercessão de Menotti del Picchia, naquela época, chefe de redação.

A atuação nos jornais possibilitou contatos com intelectuais paulistanos, ele foi, aos poucos, agenciando sua inserção cultural que se tornou base para a sua formação nacionalista, literária e política.

Na redação do órgão oficial do Partido Republicano Paulista ele encontra o ambiente político e intelectual de que necessitava. Os jornalistas estão em contato permanente com os dirigentes do Partido, o que abre a possibilidade de uma eventual carreira política. Na situação de Salgado, jovem e ambicioso e oriundo de uma pequena cidade do interior, esta é a situação ideal. Ao mesmo tempo um ambiente intelectual de vanguarda, já que a maioria dos redatores apoia o movimento modernista, do qual o redator-chefe, Menotti del Picchia, é um dos líderes. (TRINDADE, 1979, p.40).

Os primeiros anos de Plínio em São Paulo foram caracterizados pela turbulência econômica e contextualizados por divergências políticas entre as elites dominantes, as tensões explícitas sinalizavam para o esgotamento do sistema oligárquico, levando a emergência de novos movimentos políticos, sociais e culturais, como: o tenentismo, a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), a realização da Semana de Arte Moderna e a criação do Centro Dom Vital (que tinha como ação central a luta anticomunista).

A expansão da cidade de São Paulo esteve vinculada diretamente aos sucessos e/ou dificuldades da economia cafeeira, consolidando-se como centro econômico e político, polo de desenvolvimento fabril, mercado distribuidor e receptor de produtos e serviços, atrelando-

se ao pioneirismo em várias áreas com avanços tecnológicos e tornando-se vanguarda nas contendas culturais, com o Movimento de 1922.

Na década de 1920, cresceram os questionamentos às influências estrangeiras, uma emergente elite intelectual propunha rupturas e levantava a bandeira em defesa de uma cultura estritamente nacional, buscando independência em relação ao exterior e posicionando-se à frente do resto do país, considerado atrasado e arcaico.<sup>2</sup> O Modernismo, além de um movimento artístico e intelectual, foi também manifestação política (ALAMBERT, 1999, p. 8), no sentido de uma cultura política de contestação à situação então vigente.

Emerge daí um sentimento de hegemonia que estabelece, aos poucos, uma espécie de cisão no programa restaurador das minorias ilustradas, marcada, de um lado, pela aspiração de liderança da geração que surge, e, de outro, pela transformação dessa liderança numa arma de combate à nossa submissão literária a Portugal e à Europa, de uma maneira geral. (PRADO, 1983, p. 25-26).

Plínio foi muito influenciado pelos debates daquele momento, particularmente, pelo movimento modernista, questão nacionalista e proposta da eugenia paulista, era o solo fértil de que o autor necessitava para se aprimorar intelectualmente, apropriando-se destas matrizes que foram acrescentadas às de sua formação, em São Bento do Sapucaí.

Com o intuito de ampliar seus relacionamentos, entre 1920 e 1921, publicou na respeitada *Revista do Brasil*<sup>3</sup>. Fundado em 1916, este periódico foi adquirido por Monteiro Lobato (1918) (LUCA, 2011) que abriu espaço para novos escritores, consolidando a revista como expressão dos valores nacionalistas e visando ao aprofundamento da análise cultural (CAMARGOS, 2002, p. 55).

Os questionamentos e a busca de rompimento em relação à influência europeia marcaram as ações ocorridas na Semana de Arte Moderna, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. O evento contou com a presença de um grupo considerado inovador e que buscava, seja por meio da denúncia seja pela ironia e deboche, integrar o Brasil num processo de mudanças. Segundo Plínio Salgado: “Estávamos todos preparados para o grande movimento. Faltava aglutinar. E isto foi feito em fevereiro de 1922” (SALGADO, 1982, p. 576). O autor completa: “Estávamos em 1922, ano do centenário da independência e também da revolução literária que trouxe o modernismo às nossas letras, sob a influência da Itália e da França, principalmente da França.” (SALGADO, 1956, p. 357).

Na Semana de 1922, Plínio Salgado apresentou um texto denominado *Arte brasileira* (SALGADO, 1927, p. 31-42) que fazia parte de uma série de reflexões, também encontradas em *A poesia em São Paulo no ano do centenário da independência*<sup>4</sup>. O ano foi também de

composição de alguns poemas, com poucas repercussões, com exceção de *O Eco* (SALGADO, 1972, p. 161-162), poesia publicada originalmente no periódico modernista *Klaxon*, em novembro de 1922. Este momento tornou-se emblemático para o autor, um passaporte para a saída do anonimato, possibilitado pelos contatos estabelecidos e pela inserção nos circuitos culturais.

Contudo, a importância do autor no movimento de 1922 foi questionada, considerada “a fresta por onde se insinua Plínio Salgado para uma primeira saraiva no ideário de 22” (PRADO, 1983, p. 48-49) ou “permaneceu em áreas de sombra no movimento [...] nos camarins da Semana” (GONÇALVES, 2012, p. 305). Mário de Andrade não o reconhecia como participante do grupo, e afirmava: “Plínio Salgado que, vivendo em São Paulo, era posto de parte e nunca pisou nos salões” modernistas (ANDRADE, 1978, p. 31).<sup>5</sup>

Em 1968, rememorando os acontecimentos, Plínio destacava:

Dois fatos influíram no sentido de trazer à nova geração as inquietações de que resultou a chamada ‘Semana de Arte Moderna’: o conhecimento do que se passava na Europa, onde surgiam o futurismo, o dadaísmo, o cubismo, o expressionismo, o abstracionismo; e o sentimento nacionalista [...] esses dois fatores levaram a nova geração: 1º) a buscar novas formas de expressão; 2º) a redescobrir o Brasil, pesquisando suas raízes étnicas e históricas, seus elementos dialetais, suas construções sintáticas, seu folclore, seus costumes, suas lendas e fábulas, suas características geográficas, zoológicas e botânicas. (SALGADO, 1968, não paginado).

Após o evento, considerado “ponto de partida para as conquistas expressionais da literatura brasileira” (TELES, 2002, p. 277), explicitam-se as cisões internas entre os participantes do movimento. Vale notar que essas divergências foram percebidas por Plínio, que se posicionou no correr do processo. Em tom memorialístico, Plínio destacava: “após a Semana de Arte Moderna em 1922, deu-se o que poderemos chamar de ‘diáspora’ dos elementos que a promoveram; entretanto, houve um denominador comum: o sentido brasileiro dos novos literatos e artistas” (SALGADO, 1972, p. 90-91).

A questão do nacionalismo passou a ser o ponto central da luta para a maioria dos intelectuais e artistas que em diferentes perspectivas se organizaram em grupos para expressar suas concepções anunciadas por meio de manifestos. Sendo o primeiro deles o *Manifesto da poesia Pau-Brasil*, lançado por Oswald de Andrade, em 1924.<sup>6</sup>

Numa outra vertente política e cultural, em 1929, divulgou-se o *Manifesto do Verde-amarelismo* que, como em outros manifestos anteriores, apresenta um discurso baseado no nacionalismo cultural e político; mas, inspirado nos regimes autoritários europeus e tendo entre seus principais porta-vozes Plínio Salgado. Na sequência, Plínio fundou o grupo *Anta*: “uma espécie de ala esquerda do *verdeamarelismo*” (SALGADO, 1935, p. 10), iniciando a radicalização do pensamento com concepções políticas pautadas no ultra-nacionalismo, assumiu esta bandeira em face da convicção da necessidade de difundir a consciência da

nacionalidade, encontrando-se aí gênese das propostas da AIB, criticando veementemente os intelectuais que não estabeleciam a conexão entre o cultural e o político (SALGADO, 1934, p. 121).

### **Nós e os outros: os estrangeiros**

*Basta uma laranja estragada para apodrecer um cento delas.*  
Renato Kehl

A expansão cafeeira pelo estado de São Paulo gerou uma ampla demanda de braços para a lavoura que coincidiu com a crise do escravismo, gerando tensões em torno da questão do trabalho. A elite paulista considerava a imigração subsidiada o meio ideal para o fornecimento de trabalhadores nas fazendas, gradativamente, esta proposta foi institucionalizada em uma política subsidiada pelo Estado e caracterizada pela imigração em massa, contínua e familiar.<sup>7</sup>

Os proponentes idealizavam um imigrante laborioso, inteligente, vigoroso, que aspirava à fortuna, representasse o progresso e que reabilitasse o ato de trabalhar, imprimindo uma característica civilizadora ao trabalho, além de “caiar” o país. No correr do processo, se para alguns imigrantes foi possível atribuir adjetivos como: ‘laboriosos’, ‘ordeiros’ e ‘dedicados’; em outros casos as características que melhor qualificaram eram: ‘lutadores’, ‘contestadores’, ‘inconformados com as injustiças sociais’. Assim, geraram-se outras inquietações e questões: quais eram os imigrantes desejados e em contraponto definiam-se os “indesejáveis”. Em 1907, a Lei Adolfo Gordo já deliberava sobre o banimento do estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometesse a segurança nacional ou a tranquilidade pública, tivesse condenações dentro e fora do país por vagabundagem, mendicidade e lenocínio.

As tensões se ampliaram com a participação de imigrantes nos movimentos operários e outras manifestações, particularmente nos anos de 1917-19, gerando novas medidas que visavam ao maior controle sobre as entradas de estrangeiros. As ações de restrição à entrada de imigrantes e para retirada dos “indesejáveis” (que “comprometessem a segurança nacional” ou “fossem nocivos aos interesses dos poderes estabelecidos”) foram várias e constantemente aperfeiçoadas. (Artigo 72/1891, os Decretos de 1907-1913-1921<sup>8</sup>, a Reforma Constitucional de 1926).

Apesar de se considerar a imigração um benefício para o Brasil “como fator eugênico e de progresso”, vista como uma contribuição ao aumento do sangue ariano num país marcado pela negritude, o intenso processo imigrantista gerou conflitos étnicos, xenofobia e preconceitos, presentes no cotidiano de diferentes maneiras e de forma crescente.

Após a Primeira Grande Guerra se expandiu e se institucionalizou a matriz eugenista, desempenhando influências marcantes, ampliando sua ação política e doutrinária. Baseados nos princípios da degeneração e hereditariedade, os eugenistas justificavam a necessidade de promover a regeneração do caráter nacional, por meio de aprimoramentos e seleção eugênicos, interferindo na família e nas leis da hereditariedade, apregoava o exame pré-nupcial e a esterilização obrigatória de indivíduos “degenerados”, regulamentação do meretrício e da imigração (OLIVEIRA, 1929; MEDEIROS, 1927; KEHL, 1921; ANTUNES, 1926).

Os debates eugenistas não se limitaram aos círculos médicos, os propagadores e seguidores da eugenia social incluíam políticos, juristas, intelectuais e higienistas que referendavam constantemente a matriz básica de sua argumentação – a medicina eugênica (CASTANEDA, 1997; DIWAN, 2003; MARQUES, 1994; SOUZA, 2006). A divulgação do ideário eugenista encontrou espaço na grande imprensa: *Jornal do Comércio*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio Brasiliense*, sendo publicados com frequência e circulando com intensidade, também por meio da publicação de livros, folhetos e artigos em revistas científicas (*Boletim de Eugenia*), propagando suas ideias em conferências, debates e campanhas, como as de luta contra o alcoolismo, as doenças venéreas e a tuberculose (MATOS, 2005).

Considerado como aquele que melhor expressou os anseios dos eugenistas e principal mentor, Renato Kehl<sup>9</sup> difundiu suas ideias eugênicas, visando regenerar a saúde física, moral e intelectual do homem brasileiro, buscando eliminar elementos de degeneração e aprimorar a raça nacional. Sob a perspectiva da cura e da regeneração, defendia medidas como a separação dos tipos eugênicos, sintetizadas na eugenia preventiva (controle dos fatores disgênicos pelo saneamento), eugenia positiva (incentivo e regulação da procriação dos capazes) e eugenia negativa (evitar a procriação dos considerados incapazes).

Defendo a esterilização para a redução dos degenerados [...] Em suma, para a melhora física, moral e intelectual dos nossos semelhantes, é necessário lançar mão da esterilização, sem prescindir, porém, da prática dos demais preceitos ditados pela eugenia positiva, preventiva e negativa (KEHL, 1921, p.155).

Neste mesmo sentido, Kehl polemizou as questões em torno da imigração. Sugeriu uma imigração seletiva, regrada e com a proibição da entrada de imigrantes “indesejáveis” que levassem à desorganização social e de difícil assimilação (amarelos, japoneses, chineses, árabes, judeus e negros, “*elementos inassimiláveis*” indivíduos “*cretinos*”, “*mentecaptos*”, – “*os muito velhos, tarados, loucos, criminosos, degenerados, vagabundos, desordeiros, anarquistas, indesejáveis politicamente*”, como ele nomeava). A seleção incluiria

a implementação de uma política imigrantista que financiasse a “imigração ariana”, de “homens ativos e pertinazes” que melhorariam o “estoque genético” da nacionalidade. No livro *Lições de Eugenia* (KEHL, 1929), assim se posicionava:

[...] o problema da imigração é de grande importância eugênica. Merece ser tido em alta conta pelos nossos dirigentes. Precisamos de leis severas que estipulem as condições para a entrada de alienígenas no país. Não basta a simples verificação do estado de saúde e da aptidão para o trabalho. Faz-se mister considerar o valor étnico. Há povos que nos convém, e outros que devemos evitar. O nosso representa verdadeira salada de raças incompatíveis. A nacionalidade está em estado de cólicas: o metabolismo processa-se, irregularmente; os órgãos emunctorios não apresentam capacidade para a desassimilação; cada dia são absorvidos novos elementos inconciliáveis. (KEHL, 1921, p. 50).

Assim, o discurso eugênico apresentou pontos básicos para a regeneração social e moral dos cidadãos brasileiros, destacando a luta pela regulamentação da imigração (MEDEIROS, 1927). O estrangeiro era visto como elemento de desordem social, estigmatizado como portador de maus hábitos, atitudes e costumes devassos. Num discurso marcado por preceitos fortemente eugenistas e nacionalistas, devendo-se selecionar os mais assimiláveis (GUIMARÃES FILHO, 1926, p. 175).

Destacava como modelo os Estados Unidos, sugerindo “leis severas” que estipulassem cotas raciais para a entrada de imigrantes no país, além de implantar um sistema rigoroso de fiscalização dos portos, que selecionasse os imigrantes de acordo com suas características físicas, de saúde e aspectos psicológicos.

O questionamento da imigração aparecia vinculado à sugestão de substituição do subsídio à imigração pela subvenção à procriação, com recompensas aos nacionais que tivessem certo número de filhos “concorrendo para aumentar a população do nosso país” (GODOY, 1924, p. 33).

Nos finais da década de 1910, Lobato se entusiasmou com a eugenia, trocando de missivas com Renato Kehl. Em carta datada de 1918, ele declarava que lastimava o conhecimento tardio de “um espírito tão brilhante” e neste mesmo ano, convidou o cientista para prefaciar o seu livro *O Problema Vital*. Os contatos entre Lobato e Kehl se intensificaram na década 20, quando o eugenista publicou *A Esterilização sob o Ponto de Vista Eugênico* (1921), o escritor se referia a ele como “um D. Quixote científico”.<sup>10</sup>

Além de Monteiro Lobato, envolveram-se na questão eugenista outros intelectuais e autoridades políticas, como Roquette-Pinto, Oliveira Viana, Fernando de Azevedo, Vieira de Carvalho, Belizário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira, Miguel Couto, Eduardo Rabelo, Agostinho de Souza Lima. As concepções tornavam-se cada vez mais frequentes no pensamento social, sendo a eugenia vista como símbolo de modernidade cultural,

expressão de cientificidade, subentendendo pensar em evolução, progresso e civilização, propostas fortemente presentes no imaginário nacionalista das elites pensantes.

Contudo, os eugenistas não constituíam um grupo coeso, os conflitos de ideias e concepções ficaram claros durante os debates do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado entre os dias 30 de junho e 7 de julho de 1929, no Rio de Janeiro, presidido pelo antropólogo e diretor do Museu Nacional Roquette-Pinto e tendo como secretário geral, Renato Kehl.

Durante o Congresso, os debates se polarizaram, de um lado estavam os que comungavam das ideias de Kehl (pessimista em relação ao processo de miscigenação, temia que a constante “mistura racial” levasse o país a um processo de degeneração), e de outro os que tinham visão mais positiva sobre a miscigenação (Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca e Belizário Penna). A questão da imigração envolveu debates acalorados que se prolongaram por dois dias, evidenciando as divergências, diferentes concepções raciais e sociais dos integrantes do movimento. Belizário Penna e Roquette-Pinto defendiam que a imigração, mais do que uma questão racial, era um “problema político e social”, e sugeriam que se evitassem grupos que formassem “quistos sociais”, que não se misturassem “à raça brasileira”, se opuseram a regulação da entrada de imigrantes com base nas características raciais e hereditárias. Já Kehl e Azevedo Amaral (O problema eugênico da imigração) defendiam as práticas que restringissem a entrada de imigrantes no Brasil, em nome dos “interesses da raça”, uma política rigorosa de seleção e o controle sobre a entrada de elementos “inferiores”, “lastimável de atraso e perturbação social”.

Neste mesmo ano de 1929, Kehl lançou seu livro *Lições de Eugenia*, no qual reafirmava sua simpatia por uma eugenia mais extremada, ao passo que Roquette-Pinto, Fróes da Fonseca, Artur Ramos, entre outros receberiam simpaticamente a obra de Gilberto Freyre, *Casa grande e senzala* (1933) que propunha análises mais sociológicas sobre a diversidade racial e cultural brasileira (SOUZA, 2006). Contudo, as polêmicas não finalizaram, se estendendo pelas décadas de 1930 e 1940, seja por meio das posturas tomadas pelos partidos políticos (AIB<sup>11</sup>) seja pelo próprio governo Vargas que implementou medidas restritivas à imigração.<sup>12</sup>

### **Entre Bandeirantes, imigrantes e Jecas: intelectuais e nação**

O traço mais saliente da cidade é sua italianidade. Ouve-se mais italiano em São Paulo que em Turim, Milão, em Nápoles por que passo que entre nós se fala o dialeto, em São Paulo todos os dialetos se fundem sob a influência dos vênets e toscanos, que são a maioria, e os da terra adotam o italiano como língua oficial. São Paulo dispõe de cinquenta escolas italianas, numerosíssimas sociedades italianas de música e pintura. Vinhos, pães, automóveis, roupas, tecidos, livros, anúncios, tudo é italiano. Nos empórios veem-se montanhas de latas de tomate siciliano e de massas napolitanas,

nas lojas de tecidos figuram todos os algodões de Lombardi, as nossas sedas de Como, os nossos chapéus de Florença e de Alessandria Gina Lombroso. (FERRERO, 1908, p. 34).

Em 1890, envolta em um intenso processo de imigração, a cidade de São Paulo atingiu a cifra de 64.934 habitantes, com ampla presença de estrangeiros, dos quais 76,5% eram italianos<sup>13</sup>; já em 1900, eram 239.820 habitantes, dos estrangeiros 66,3% eram peninsulares, cerca de 30% da população. Nos anos de 1920, a população mais do que dobrou, atingindo a cifra de 579.033 pessoas, das quais 91.244 eram italianas.<sup>14</sup>

O crescimento urbano e industrial atraiu uma massa de trabalhadores, particularmente imigrantes, compondo um mosaico diversificado de estrangeiros e de seus descendentes, que juntamente com os migrantes constituíam-se numa multiplicidade de culturas, tradições e sotaques. A diversidade étnica gerava questionamentos, tensões na convivência e xenofobia, esta massa urbana era vista com receio e necessidade de enquadramento, nesse contexto, se procurou garantir o primado da elite tradicional paulista sobre os outros (particularmente os estrangeiros).

Desde os finais do século XIX, quando as elites intelectuais ressaltavam a relevância histórica dos paulistas para a nação e se empenharam em elevar cultural e politicamente São Paulo a posições privilegiadas no panorama nacional, debatia-se a formação étnica dos paulistas, apregoando sua superioridade no quadro da nacionalidade. Institucionalmente, os discursos se difundiam a partir do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP/1894) e da Academia Paulista de Letras (APL).

Nestes campos de luta, reconstruiu-se o papel dos paulistas na formação histórica brasileira e local, por meio da “invenção”<sup>15</sup> do mito do bandeirante, compondo uma narrativa histórica que valorizava o português mestiçado com o indígena com seu papel central na condução do processo colonizador, que partindo do Planalto de Piratininga, desbravou os sertões. Os bandeirantes foram romantizados como destemidos desbravadores que alargaram e consolidaram o território nacional, deixando de lado o aventureiro apresador de indígenas.<sup>16</sup> A simbologia serviu para construir a trajetória paulista como o único e decidido percurso rumo ao progresso, encobrendo conflitos, diferenças e legitimando a hegemonia paulista no governo nacional. Este mito se tornou a marca do espírito paulista (iniciativa, valentia, arrojo, tenacidade) e seus herdeiros (os paulistas de 400 anos) mantinham geneticamente este espírito heroico (ABUD, 1985; FERREIRA, 1999; SCHWARCZ, 2005).

Alfredo Ellis Jr. (também integrante do grupo Verde-Amarelo) foi um dos porta-vozes deste discurso, sua reflexão destacava o papel histórico dos bandeirantes paulistas. Construindo uma visão hierárquica da sociedade brasileira, ele se baseava no paradigma eugenista, defendia a tese da superioridade de uma sub-raça paulista (resultado da

mestiçagem eugênica) que, com seus valores de trabalho, empreendedorismo, iniciativa de povoar e civilizar o território, também teria se encarregado da expansão da cafeicultura paulista (vista como um desdobramento das bandeiras). (ZEM EL-DINE, 2010; CAMPOS, 2007).

Neste quadro de crescimento dos debates nacionalistas e da “invenção” da paulistaneidade<sup>17</sup>, se advertiam para os efeitos negativos da influência e presença dos imigrantes na sociedade, economia e especialmente nas artes e cultura. A polêmica envolveu as elites pensantes, se inicialmente o imigrante foi almejado como signo de civilidade, progresso e possibilidade de branqueamento do país, a constituição de um *melting pot* passou a incomodar e a presença de estrangeiros “indesejáveis” (seja pelo envolvimento nas lutas políticas seja pela própria ascensão econômico-social e concorrência em certos setores), ampliando os questionamentos (OLIVEIRA, 2013).

Desde os inícios do século XX que a temática da imigração já se fazia presente na produção literária, nos escritos de Graça Aranha (CANAÃ, 1902) e também no humor, em que se destacaram os escritos de Juó Bananére (pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado), cujos textos caracterizados pela crítica social e política denunciavam os contrastes urbanos e as tensões étnico-culturais (MATOS, 2013).

Contudo, com a emergência do movimento modernista, cresceu a presença do tema e da polêmica, sendo focalizada em *Macunaíma* (1928), por Mário de Andrade. Apareciam, de forma mais afetiva e envolta numa linguagem leve, bem-humorada e espontânea, em Brás, Bexiga e Barra Funda (1927) (MACHADO, 1997), no qual Alcântara Machado relatava o cotidiano dos territórios dos “Italianinhos de São Paulo”, contando os dissabores, tristezas, esperanças, alegrias, perspectivas.

Tanto a ala verde-amarela dos modernistas (Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, reunido em torno da redação do *Correio Paulistano*) como o movimento da Antropofagia (Manifesto Pau-Brasil/1924, Manifesto Antropofágico/1928), apesar das divergências, observavam a vocação da cultura paulista para o caldeamento racial (FERREIRA, 2002). “A doutrina dos verde-amarelos confere especial ênfase ao papel dos imigrantes na construção da nacionalidade [...] No entanto, toda essa constelação de fatores positivos só se sustenta em função da positividade do meio [...] porque se incorporaram ao espírito paulista.” (VELLOSO, 1983, p. 106-107).

Os verde-amarelos se preocupavam com o papel do imigrante, valorizavam os que se integravam, contribuindo para o progresso e dentro da ordem, questionavam os não adaptáveis, ou que se isolavam em grupos fechados (quistos) (VELLOSO, 1983, p. 103). Diante destas dificuldades, Oliveira Vianna e Alfredo Ellis propunham a seleção de imigrantes por meio de uma “fiscalização eugenizadora”. Del Picchia, apesar de sua ítalo

descendência, observava que seria uma possibilidade se não houvesse tanta necessidade de mão de obra, e salientava que

[...] todos os braços são bons, quando são sadios moral e fisicamente, e estão habituados no trato da terra [...] O que se deverá evitar como necessária providencia política, será o enquistamento de grandes núcleos sinegenéticos em zonas de difícil acesso, onde se ilhariam sem possibilidades de cruzamento, bem como a entrada de elementos defeituosos ou poucos sadios, rebeldes à disciplina social, perigosos à ordem [...] (DEL PICCHIA, 1926, p. 3).

Constituía-se um ambiente frutífero para a discussão do estatuto do Brasil, representado como um país jovem, e as referências aos imigrantes apareceram problematizando-se o caldeamento, a miscigenação e acirrando as discussões que envolviam a questão nacional.<sup>18</sup> Buscavam-se as raízes e a autenticidade da nação identificando-a com o homem interiorano (sertanejo, caipira e também os Jecas Tatu). Desde meados da década de 1910, quando Lobato caracterizou o Jeca.

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra recua para não adaptar-se. (LOBATO, 2010, p. 161).

Assim, eram reforçadas as características negativas do Jeca Tatu (alheio à ideia de pátria, indolente, apático, impenetrável à civilização) e, por causar polêmica, o próprio Lobato reviu sua proposta no artigo “Jeca Tatú, a ressurreição”, incluído em *Problema Vital* (1924), prefaciado por Renato Kehl.<sup>19</sup>

Em oposição, o caipira era apresentado como trabalhador, forte, inteligente, arguto, maleável, dócil, sentimental, afetivo e sincero, apesar de intimidado no meio urbano, Cornélio Pires foi o porta-voz desta imagem. Ele, além das publicações (prosa e poesia), gravações, espetáculos (encenações e música, apresentando violeiros e grupos musicais), foi o grande divulgador, por intermédio do rádio, da cultura caipira. (LEITE, 1996, p. 117)

Destacando que a sua missão era refletir sobre a nação e propondo um nacionalismo afirmativo de crença no Brasil, os verde-amarelistas também se posicionaram.<sup>20</sup> Eles criticavam a visão negativa do sertão e do homem do interior (representado por Jeca Tatu), identificando-o como fruto das condições precárias de vida, doença e pela falta de instrução no meio rural. As apreciações apontavam para o artificialismo das cidades, salientando os males do cosmopolitismo e destacando a comunhão do homem e da natureza, valorizavam o sertão e o sertanejo como o lócus e símbolo da nacionalidade (VELLOSO, 1983; LUCA, 2011).

Desde 1917, quando publica o poema Juca Mulato (PICCHIA, 1921), Menotti Del Picchia apresentava um caboclo “forte como a peroba e livre como o vento”, identificando-o elemento original e integrador do nacional. Destacava que o homem do interior (Planalto de Piratininga) era “um tipo tão prodigioso de energia física e de iniciativas, que conseguiu desbravar, fixar-lhes as fronteiras, possuir e defender uma das pátrias geograficamente maiores do mundo” (ZEM EL-DINE, 2010, p.77).

Já Cassiano Ricardo, em *Martim Cererê* (1928), ao buscar as tradições populares, exaltando o país e suas potencialidades, destacava a importância de transmitir os valores da nacionalidade. Desenvolveu, assim como outros membros do grupo verde-amarelo, uma crítica sistemática ao Jeca e, contrapondo-se a ele, valorizava o bandeirante e o cafeicultor, pela iniciativa e valor, empreendedorismo e capacidade de trabalho (RICARDO, 1925).

Da mesma forma, em 1926, Plínio Salgado se dedicou ao conjunto destas reflexões em *O estrangeiro*.

#### **“O meu primeiro manifesto integralista foi um romance”: *O estrangeiro***

*O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo, desde uma luminosa manhã de setembro em que viajei pelo sertão paulista, onde o Tietê explode nas pedreiras do Avanhandava.*  
Plínio Salgado

Plínio considera que os anos seguintes à Semana de Arte Moderna foram para reflexões internas. Em 1926, lançou sua principal obra ficcional – *O estrangeiro* –, neste mesmo ano também entrou efetivamente na política. “A tentativa de renovar o partido fracassa, mas Salgado permanece ligado ao PRP até a Revolução de 30. Em 1927, com o sucesso de *O estrangeiro*, recebe convite para se apresentar às eleições legislativas e é eleito deputado estadual em São Paulo, juntamente com Menotti del Picchia.” (TRINDADE, 1979, p. 41).

Com a publicação do romance e o mandato de deputado estadual, ele alcançou reconhecimento, “transforma-se num dos autores mais famosos do movimento. Vale observar que o livro, um dos primeiros romances modernistas, recebeu excelente acolhida – a primeira edição esgotou-se em 20 dias” (ARAÚJO, 1988, p. 23). Recebeu também críticas favoráveis, no jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, Monteiro Lobato, destacou:

Vem de S. Paulo um livro que vale pela mais pura revelação artística destes últimos tempos. *O estrangeiro*, de Plínio Salgado [...] Todo o livro [...] é uma inaudita riqueza de novidades bárbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa acadêmica – só força, a força pura [...] Plínio Salgado é uma força nova com a qual o país tem que contar. (LOBATO, 1985, p. 110-113).

A defesa de Monteiro Lobato foi uma surpresa, uma vez que era de conhecimento a rispidez com a qual este tratava os modernistas. Apesar de Lobato ser um defensor do nacionalismo, assim, como a maioria modernista, ele não compactuava com os rumos do movimento, transformando-se em seu crítico ferrenho.

O romance *O estrangeiro* revela a inquietude do autor em relação aos caminhos da sociedade brasileira, não só com as transformações que atingiam o campo, mas, particularmente, com o crescimento urbano e industrial e a questão a identidade nacional. Ele não considerava a urbanização o melhor caminho para o crescimento do Brasil; pois, nas cidades frutificavam os males sociais como o imperialismo econômico (liberalismo) e o doutrinário (comunismo), que comprometiam a alma nacional: “A tendência das cidades é para a desnacionalização” (SALGADO, 1956, p. 96).

O autor apregoava que a pureza da nação assentava-se num contexto ruralista, conservador e cristão, baseando-se na figura do caboclo (SALGADO, 1956, p. 97). Menotti del Picchia referia-se elogiosamente a Plínio como: “caboclinho enxuto, nervoso e formidável” (PICCHIA, 1936, p. 229). O próprio Plínio se reconhecia como modelo de brasileiro: “Minha mentalidade, desurbanizada e cabocla, debalde tem procurado sentir como o homem da fábrica ou do gabinete, da burocracia ou dos salões. Acredito que a grande maioria do país está em idêntica situação” (SALGADO, 1956, p. 97).

Seu anticosmopolitismo também se expressou no Manifesto de outubro, de 1932, e em *Geografia sentimental*, de 1937, quando o autor reafirmava a posição:

Eu fui rever este ano as velhas saudades apagadas pelo tumulto cosmopolita das capitais. Fui visitar as cidades do interior da minha Pátria. [...] Fui ver as farmácias onde o doutor juiz de direito conversa com o vigário sobre a instituição da família e o velho chefe político diz que o diretório está firme. Como eu tinha saudades destas coisas! [...] Cidadezinhas da minha Pátria! Como são todas iguais (SALGADO, 1937, p. 36-38).

No romance, percebe-se “o diagnóstico da civilização brasileira, na qual se conjugam o antiliberalismo, o anticomunismo e o anticosmopolitismo, o tema do mal urbano surgiu aqui como um eixo central do pensamento político de Plínio Salgado” (TONUS, 2004, p. 102). Partindo destes vieses, o autor apontou recorrentemente a necessidade de se alertar para as inter-relações entre o cosmopolitismo e a imigração:

Nos países de imigração, como o nosso, as cidades vão se tornando, pouco a pouco, consciências isoladas na Grande Consciência. Falta-lhes, para a perfeita harmonia nacional, o liame das tradições e dos costumes, a consciência histórica, a unidade de sentimento. Forças diversas atuam sobre nossos centros mais populosos, estabelecendo o entrechoque de correntes religiosas, de doutrinas políticas, de credos literários, de processos comerciais; e de tudo resulta o resfriamento gradual de nossas energias próprias. Essas forças se anulam em contraposição umas das outras, e o resultado fatal é uma permanente crítica negativista, que se

infiltra como um veneno na alma de nossa gente. [...] Estas considerações me levam a crer na imensa necessidade de um levantamento da fé brasileira, de uma coordenação de forças novas, de uma intensa afirmação nacional. O Brasil precisa salvar-se do mal urbano [...] A mocidade brasileira tem necessidade de levantar-se, num movimento de fé (SALGADO, 1937, p. 97-100).

Em *O estrangeiro*, o autor exaltava e defendia o universo rural, símbolo da pureza nacional, decisivo para a existência do nacionalismo e denunciava a influência negativa que as metrópoles tinham sobre as zonas interioranas. Na obra o professor Juvêncio expressava seu anticosmopolitismo, identificando o urbanismo com o fim da nacionalidade.

Como apontado, a questão imigratória foi reiteradamente discutida na literatura brasileira desde o século XIX, mas, no período modernista ganhou destaque objetivando refletir sobre as transformações pelas quais o país passava no século XX. “O estrangeiro é um romance essencialmente brasileiro, não apenas paulista, porque São Paulo é o Estado que maiores correntes migratórias receberam, internas e externas, havendo, portanto, de dar, ele próprio, o tipo brasileiro, graças a essa particularidade.” (DOREA, 1978, p. 31).

Plínio Salgado refletia sobre o papel do imigrante no sentido da formação da sociedade brasileira, alertando sobre a entrada dos estrangeiros e, conseqüentemente, a invasão da cultura exterior. O autor declarava não ser contra a imigração, analisando a sua importância no processo de crescimento do país (DOREA, 1978, p. 34). No romance foi dado tratamento destacado para as questões da imigração, colocada como um processo que poderia ocorrer, mas com segurança e de forma seletiva.<sup>21</sup>

A narrativa se inicia no porto de Santos, com a chegada dos imigrantes, e os momentos de destaque ocorreram na pequena cidade de Mandaguary, também envolvendo como cenário São Paulo e Campinas. A escolha de uma pequena cidade como o lócus da trama e onde os cidadãos submetiam-se às vontades dos chefes regionais, contrastava com o cenário urbano, no qual o intenso avanço capitalista industrial era identificado como o elemento causador da destruição humana.

Na obra, observa-se uma intertextualidade, o narrador, que só se identifica ao final – é o mestre-escola Juvêncio –, que além de protagonista, é o narrador e alterego do autor.

Na última página, cobrindo-se com as vestes do mestre-escola Juvêncio, nacionalista convicto, praticante. A autoria do romance, duplamente atribuída a ele e ao personagem, impõe uma duplicidade ao texto que me intrigou e norteou a(s) leitura(s). Salgado na persona de Juvêncio cria Ivan, seu duplo, o outro que só poderia existir fora dele. Fica explícito que, para Plínio Salgado, a concepção de nação, construção intelectual, exige a figura da alteridade para, no modo do espelho, ganhar forma, adquirir particularidade. (BRESCIANI, 2001. p. 63).

A montagem narrativa gira em torno de uma trama: de um lado, o imigrante italiano bem sucedido pelo trabalho árduo e hábitos de poupança; de outro, a história de Ivan,

militante revolucionário perseguido pela polícia czarista, personagem que divide a cena com o professor Juvêncio.

O autor explicitou que seu propósito no romance era realizar reflexões complementares aos seus objetivos políticos. Apesar de no “romance não apontar uma solução para a sociedade brasileira. Faz vagas menções a um tempo ainda indefinido” (BRESCIANI, 2001. p. 55), podendo-se observar suas matrizes, apropriações culturais e políticas que seriam as bases para a constituição da AIB.

Mas, a verificação desses males não determina em Plínio Salgado uma atitude pessimista e descrente. Pelo contrário, ele acredita ainda nas reservas morais da sociedade e espera o seu reerguimento total. E não se limita a fixar em sua obra o resultado de sua observação, mas apresenta soluções para os nossos problemas. Seus romances não formam, pois, uma obra de ficção com objetivo puramente literário, mas a expressão da sua ideologia, da sua constante preocupação com o povo brasileiro, do seu estudo dos problemas nacionais. (DOREA, 1978, p. 75).

*O estrangeiro* é um romance que ocorre no ambiente de questionamento do projeto imigrantista, o autor propõe uma explicação:

Trecho de história do Brasil: os naturais, por seu gênio erradio, não se prestavam à faina agrícola. Foi necessário instituir a escravidão africana. Os negros eram comprados nas feiras. A libertação dos escravos coincidiu com a República e esta com o desenvolvimento da lavoura. Abriram-se as portas à imigração. (SALGADO, 1936, p. 21).

O início da obra narra a chegada dos primeiros imigrantes, focando a análise nos italianos, identificados pela família Mondolfi e sua ascensão econômica. Carmine Mondolfi economizou, comprou terras e tornou-se uma figura de destaque na colônia, ajudando a fundar a sucursal da escola Dante Alighieri, reduto e símbolo da italianidade.<sup>22</sup>

A partir desse processo, analisa a situação do brasileiro (caboclo) em face da chegada dos italianos. Sobre a presença dos estrangeiros é possível notar posturas divergentes, como porta-vozes das diferentes visões sobre os imigrantes: certos personagens não aceitavam a presença do imigrante, alguns os suportavam e outros usufruíam do seu trabalho.

Paralelamente, o romance caracteriza os bandeirantes como aqueles que “conquistaram as imensas terras que formam hoje o grande Brasil” (SALGADO, 1981, p. 92.) e que representavam “o sentido profundo da Unidade do Brasil” (SALGADO, 1937, p.129). Sobre os bandeirantes, complementa:

Os Bandeirantes deixavam suas famílias em Piratininga (onde hoje está a capital de São Paulo) e passavam muitos anos no mato, lutando contra as feras e contra os índios, procurando ouro e diamantes. [...] O que os Bandeirantes fizeram de mais importante foi conquistar para nossa Pátria o imenso território. Desde um tratado de limites que Portugal e Espanha

fizeram, numa cidade chamada Tordesilhas, esse território devia pertencer à Espanha. [...] Não é justo – diziam – que estas terras pertençam aos que não as desbravam. (SALGADO, 1981, p. 109).

Em um diálogo com o mestre-escola Juvêncio, o russo Ivan indaga o professor sobre quem era o verdadeiro caboclo:

Ivan queria ver um caboclo autêntico. Contou-lhe o amigo que eram raros. Quase todos estavam no sertão. Poucos ficaram nas redondezas, cantando a viola, empalamados. Alguns – pequenos agricultores, taverneiros, carregadores ou peões, exceção feita ao Zé Candinho –, andavam por ali, mas guardavam poucos traços do caboclo genuíno, ou antes, eram uma expressão inferior do caboclo. O legítimo, esse prosseguia a sua faina, rumo às brenhas, afastando-se da onda de absorvente dos estrangeiros. [...] Os que partem são fortes como fundadores de países. Os que ficam, são como seu Indalécio, olhos morteiros, toadas monótonas nos lábios... (SALGADO, 1936, p. 28-29).

Outro personagem afetado pela imigração foi Nhô Indalécio, personagem que representa um grupo da sociedade que não tinha poder de reação, seus membros eram considerados pobres caipiras, decadentes, que não acompanhavam o avanço da sociedade, virando reféns dos imigrantes. Desse modo, critica a apatia da sociedade brasileira diante dos italianos (Carmine Mondolfi) que alcançavam o enriquecimento, promovendo o abandono dos caboclos da terra, que não tinham forças para enfrentar a situação. Uma passagem do romance envolvendo o “caboclo domesticado: Nhô Indalécio” (SALGADO, 1936, p. 35) e o agressivo administrador da fazenda, Martiniano, permite verificar a relação de violência existente:

Aconteceu que os porcos de Nhô Indalécio aventuraram excursões pela fazenda. Martiniano mandou avisá-lo, ‘Que mataria os bichos.’ Indalécio pôs mais um fio de arame na cerca. Os suínos eram teimosos. Romperam a barreira, entraram insolentes como hussards. Troaram tiros de espingarda. Seguiu-se uma proclamação. ‘Que não se queixe a polícia, se não quiser levar umas lambadas, com este chicote.’ Nhô Indalécio mandou dizer que não se queixava à polícia. Entregava a injúria nas mãos de Deus. (SALGADO, 1936, p. 43).

Martiniano representa uma tendência xenófoba<sup>23</sup>, no decorrer da narrativa, deixou a fazenda migrando para a cidade, encantando-se com o cosmopolitismo, passando a ridicularizar os moradores do interior e revoltando-se contra os imigrantes que enriqueceram, denunciando-os como repressores dos brasileiros (DOREA, 1978, p. 33).

Na trama do romance também se destacam Pantojo e o major Feliciano que aceitavam a imigração, buscando se beneficiar dela. Apesar de, em certos momentos da obra, major Feliciano se mostrar nacionalista:

O major Feliciano não admitia que estrangeiros governassem. Em Mandaguary, o prefeito era italiano; o coletor sírio; e italianos e espanhóis havia no Diretório e na Câmara. Caipiras inconscientes acompanhavam-nos e o Governo o que queria eram votos. Ostensivamente, em quase todas as

idades, fundavam-se as celebérrimas ‘Dante Alighieri’ e as escolas onde as crianças aprendiam, antes de mais nada, a língua italiana. Um absurdo dizia. (SALGADO, 1936, p. 66).

Em outros momentos, quando o Major alcança uma posição de destaque na política local, estrategicamente, altera seu comportamento, com a intenção de manter acordos com os imigrantes: “O major Feliciano fazia parte dos brasileiros que aprovavam a imigração e adequava-se aos estrangeiros, estabelecendo um acordo com eles e com eles se identificando e alheando-se às coisas brasileiras” (BARROS, 2006, p. 68).

O major relata em uma carta:

A localidade (Mandaguary) entrou agora num período de grande progresso. O sr. Presidente do Estado prometeu vir, em pessoa, inaugurar o chafariz. Fiz as pazes com o pessoal da “Dante Alighieri” por causa de uma causa que me deram e me rendeu cinquenta contos. De modo que subvencionei a escola e a banda da colônia. Vou conceder a uma companhia de alemães vários favores para o serviço de luz. Havia uma de brasileiros que me dava comissão muito pequena e achei pouco patriotismo. Espero ir para S. Paulo, deputado, servir o país em mais largos horizontes. (SALGADO, 1936, p. 266-267).

Cabe salientar, ainda, a presença de Pantojo, que usava os imigrantes em proveito próprio, sem preocupações com o crescimento do Brasil, ele pertencia a um grupo paulista tradicional cuja riqueza proveniente do café permitia-lhe usufruir do luxo mundano, apegado aos estrangeirismos, sustentando as amantes e o vício do jogo.

Resistente aos imigrantes está o mestre-escola Juvêncio, expressão mais próxima de Plínio Salgado, era o símbolo da nacionalidade, para ele, “Pátria é a voz do país saindo pela boca do homem” (SALGADO, 1936, p. 46).

O tema do nacionalismo aparece na situação burlesca do mestre escola, Juvêncio, estrangulando perante seus alunos, os papagaios que ganhara de presente porque haviam aprendido com seus antigos donos emigrantes a repetir as palavras do hino fascista: ‘Giovinezza, Giovinezza, primavera di bellezza!’ Juvêncio exalava nacionalismo (TRINDADE, 1979, p. 59).

Para o mestre-escola, o avanço e o crescimento em larga escala dos imigrantes eram considerados perigosos para a sociedade brasileira. O momento máximo de insatisfação ocorre quando: “Com foguetes e cerveja, fundou-se em Mandaguary uma sucursal da ‘Dante Alighieri.’ A banda musical ‘Giuseppe Verdi’ compareceu uniformizada, com dragonas e alamares verdes em fardas azul ferrete. Um velho garibaldino fez um discurso dramático.” (SALGADO, 1936, p. 40).

Perante tal fato, o professor reagiu: “reabriu as aulas das Escolas Reunidas resolvido a fazer concorrência a ‘Dante Alighieri’, disposto a tudo, a um combate sem tréguas, violenta, arrasadora guerra de extermínio...” (SALGADO, 1936, p. 55).

O mestre-escola (Plínio Salgado), que revelou, na última página da obra, ser autor da história, considerado o verdadeiro caboclo (brasileiro), tinha como objetivo amar e lutar pelo crescimento da nação, tendo ao lado os imigrantes integrados na luta pela formação de uma pátria forte. O objetivo do escritor era destacar as forças de resistência ao cosmopolitismo e a importância da assimilação do imigrante, para tanto, seria indispensável o processo educacional (catequizador) do estrangeiro:

As crianças das Escolas Reunidas eram filhos de italianos, espanhóis, japoneses, sírios, mulatinhos espertos puxados ao português. Cantavam o hino nacional e respondiam na ponta da língua, se lhes perguntavam - quem descobriu o Brasil? - Foi o almirante português Pedro Álvares Cabral. [...] A bandeira flutuava - palpitante cabeleira verde - na ponta do caule esguio, que parecia um homem cumprido e entusiasmado. [...] E as vozes afinadinhas: Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante... Juvêncio vibrava. (SALGADO, 1936, p. 29-30).

O mestre-escola não admitia o processo de difusão da italianidade que estava se instalando na Dante Alighieri, onde ensinavam: “- Onde nasceu Cristóvão Colombo? - Em Gênova. - Quem plantou o café no Estado de S. Paulo? - Os italianos. - Quem inventou o automóvel Ford? - O conde Matarazzo” (SALGADO, 1936, p. 101).

Plínio Salgado não apregoava uma aversão ao imigrante, seu objetivo era refletir sobre quais caminhos a sociedade deveria seguir em face do estrangeiro, com a intenção de criticar os imigrantes que não conseguiam integrar-se, como o russo Ivan, não se desligava do passado, o moscovita não se adaptou à nova terra, não se integrou à vida brasileira; e a falta de perspectiva de futuro levou-o ao fim trágico: o suicídio.

Para o líder integralista, era inviável e desnecessário lutar contra o imigrante, o Brasil precisava deles para o seu crescimento, mas, para que isso ocorresse, devia-se promover a assimilação dos imigrantes. Reconhecia a imigração como algo necessário para o crescimento do Brasil, ainda um “Povo Criança” (SALGADO, 1995, p. 88), todavia, não poderia estar submerso à “Velha Humanidade” (SALGADO, 1995, p. 89).

Neste romance-manifesto, observam-se as matrizes teóricas da formação do movimento político da AIB. No mesmo ano de lançamento do romance, Plínio leu na Rádio Educadora Paulista um texto que denominou de “oração”, intitulado “Pelo destino do Brasil”, posteriormente publicado no *Correio Paulistano* (1934), fez parte da obra do autor *A quarta humanidade* (SALGADO, 1995, p. 55). No texto, o autor deixa explícita a sua proposta em relação à imigração:

As correntes imigratórias, que nos procuram, terão de renunciar o Passado, condição que foi imposta aos nossos avós, quando pisaram a terra americana. E nós devemos acolhê-las, se nos sujeitarmos a quaisquer imposições que tragam o cunho de velhos prejuízos europeus, ou que tenham em mira perpetuar, dentro de nossa Pátria, feições nacionais estrangeiras: Assim, nosso espírito nacional deve estar alerta, para que um

cosmopolitismo nocivo não venha retardar a palavra que o Brasil compete dizer um dia ao mundo. (SALGADO, 1995, p. 89).

As apropriações presentes em *O estrangeiro*, particularmente a visão nacionalista, ficaram mais evidentes a partir de 1929, quando do lançamento oficial do Manifesto do verde-amarelismo, mesmo ano que ocorreu o *crack* na bolsa de Nova Iorque com o desencadeamento da depressão, bem como as tensões que culminariam no movimento de 1930, possibilitando a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Diante desse panorama, para agir dentro das realidades do país, o que Plínio Salgado tinha a fazer era um trabalho duplo: enquanto procurava despertar as elites através de um movimento literário, tentar criar, dentro dos muros de um dos partidos estaduais mais fortes, uma corrente renovadora. Foi o que, de fato, Plínio Salgado fez, contando com o prestígio do Sr. Júlio Prestes, quando Presidente de São Paulo. (SALGADO, 1936, p.16).

Plínio Salgado foi convidado pelo então candidato à Presidência da República, Júlio Prestes “para dirigir a propaganda da chapa: Júlio Prestes – Vital Soares” (ALBUQUERQUE, 1951, p. 18). Plínio enxergava esta ação como uma possibilidade de congregar dois elementos: a política e a intelectualidade. Mas, no meio do processo eleitoral, ele recebeu um convite de Alfredo Egídio de Souza Aranha para acompanhar o cunhado, Joaquim Carlos, em uma viagem à Europa. Viagem que possibilitou outras matrizes para a consolidação da AIB. A trama de influências vindas dos debates políticos e culturais configurou-se em elemento central para a expansão do conservadorismo nacionalismo brasileiro e a ascensão de Plínio Salgado na liderança da AIB.

O romance era visto por ele como a maior expressão do nacionalismo e da forma como o país deveria existir. A partir do sucesso do romance *O estrangeiro*, Plínio firmou-se no campo literário, percebendo-se a priorização das questões políticas pelo autor, transformando obras ficcionais em fontes de ações políticas vinculadas ao integralismo. Talvez esse seja um dos motivos do esquecimento literário de Plínio frente a sua associação ao político doutrinário.

A análise de obras, como *O estrangeiro*, possibilitam revelações sobre o pensamento político subjacente na ficção, as matrizes do pensamento pliniano, a abordagem da política nacionalista, base argumentativa do pensamento integralista, podendo-se recuperar as dimensões políticas expressas pelo autor através da estratégia ficcionista, capaz de construir e “re-apresentar” visões constituídas a partir de referências culturais, contribuindo com as discussões eugênicas, uma vez que o pensamento de Plínio Salgado estava direcionado na criação de uma raça forte, superando a miscigenação que era a marca da inferioridade brasileira em relação aos europeus, elemento discursivo presente com

propriedade no romance-manifesto, obra que contribuiu para a fundamentação doutrinária do integralismo brasileiro.

**Recebido em 30/1/2014**

**Aprovado em 13/3/2014**

## NOTAS

<sup>1</sup> Pseudônimo de Benevenuto Silvério de Arruda, jornalista do *Correio Paulistano* e outros periódicos paulistas. Membro da Academia Paulista de Letras, foi chefe da Documentação Histórica do Departamento de Cultura de São Paulo.

<sup>2</sup> Por uma 'inserção compulsória' na modernidade. O engajamento de alguns intelectuais é compreendido como resultante do momento histórico de expansão imperialista europeia e de difusão de ideias científicas e liberais, responsáveis pela percepção de que as letras consistiam em importante instrumento de transformação da sociedade (GONTIJO, 2005, p. 273).

<sup>3</sup> Na edição de n. 58, de outubro de 1920 da *Revista do Brasil*, Plínio Salgado publicou seu primeiro texto na capital paulista, intitulado *Não matarás*, trabalho escrito em São Bento do Sapucaí (SALGADO, 1920, p. 142-145).

<sup>4</sup> O segundo foi arquivado pelo autor e publicado apenas em 1956, momento do lançamento das *Obras completas* (SALGADO, 1956, p. 133-154).

<sup>5</sup> O grupo realizava encontros nos salões de Paulo Prado, Olívia Penteado, Tarsila do Amaral e do senador Freitas Valle (ANDRADE, 1978, p. 31).

<sup>6</sup> Defendia a assimilação do "inimigo" estrangeiro para fundi-lo à cultura nacional e buscava a produção de uma síntese dialética que teria como objetivo resolver as questões de dependência cultural, formuladas tradicionalmente por meio do binômio nacional X cosmopolita (ANDRADE, 1990, p. 47-52).

<sup>7</sup> A partir de 1914, a política de subsídio à imigração declinou, sendo finalmente encerrada em 1927, quando do governo de Júlio Prestes (SALLES, 1986).

<sup>8</sup> O Decreto n. 4.247, de 06 de janeiro de 1921, regulava as entradas, visando impedir o ingresso do estrangeiro não apto para o trabalho, como o que fosse aleijado, cego, louco, mendigo, portador de moléstia grave e com mais de 60 anos; bem como de toda mulher, que procurasse o país para se entregar à prostituição. Determinava que pudesse ser banido, o estrangeiro que fora desterrado de outro país; considerado elemento pernicioso à ordem pública; tenha provocado atos de violência, por meio de fatos criminosos, imposição violenta de seita religiosa ou política; tivesse conduta considerada nociva à ordem pública ou à segurança nacional; condenado por crime de homicídio, furto, roubo, bancarrota, falsidade, contrabando, estelionato, moeda falsa ou lenocínio no Brasil ou em outro país (RIBEIRO, 2003).

<sup>9</sup> Renato Ferraz Kehl (1889-1974) nasceu e viveu a infância e juventude em Limeira/SP, seguindo a carreira do pai, graduou-se em Farmácia; depois também em Medicina. Exerceu a clínica médica em um pequeno consultório na capital paulista, em 1918 fundou, juntamente com outros médicos, autoridades públicas e intelectuais, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Esta foi a primeira, em toda América Latina, durante anos manteve contatos com grupos eugenistas latino-americanos, norte-americanos e europeus, visando dialogar e ampliar o movimento. Na década de 20, mudou-se para o Rio de Janeiro, pretendendo constituir um movimento nacional. Suas propostas passaram por reconfigurações, depois de viajar para a Europa, aprofundando seu conhecimento das ideias e práticas eugênicas nos países nórdicos e na Alemanha, a partir de então, Kehl passou a defender medidas em direção ao racismo científico e ao determinismo biológico. Exerceu cargos na administração pública (1919-1927) e, em 1927, ingressou na companhia Bayer (STEPAN, 2005; SOUZA, 2006).

<sup>10</sup> Carta enviada a Renato Kehl, em 8 de julho de 1929 (NIGRI, 2011).

<sup>11</sup> Renato Kehl era genro de Belizário Penna, casou-se com Eunice, secretária da Comissão Central Brasileira de Eugenia. Penna também se filiou à AIB, em 1932, tornando-se membro da Câmara dos 40, órgão supremo do movimento (THIELEN; SANTOS, 2002).

<sup>12</sup> Medidas foram tomadas na Constituição de 1934 e a de 1937, os inúmeros decretos e decretos-leis dos anos 1930 (MENDES, 2010).

<sup>13</sup> Sob a denominação de “carcamanos” encontrava-se uma diversidade de trajetórias históricas, desde o empreendedor capitalista (Matarazzo, Crespi, entre outros), o ilustrado, o líder político (socialistas, anarquistas ou sindicalistas) atuantes por meio da imprensa operária, artistas (circo, teatro, música, pintura, escultura, ourivesaria), construtores, arquitetos, artífices (marmoristas, serralheiros, marceneiros, entre vários), operários e pequenos proprietários. Eles vieram de diferentes regiões de uma Itália recém-unificada, a maioria era de venetos, calabreses, napolitanos e geralmente não se identificavam como italianos, manifestavam dizendo ter se tornado italianos no Brasil (MATOS, 2013).

<sup>14</sup> Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Recenseamento do Brasil, 1920, Synopse do Recenseamento. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1926.

<sup>15</sup> A categoria invenção questiona a existência de uma essência identitária, subentendendo um processo de criação cultural, pleno de sentidos, disputas e tramas de poder. O complexo processo de construção contém múltiplas variações, através dos tempos, nos diferentes espaços, com posições, trajetórias e objetivos variados, cabendo destacar que se considera não a invenção, mas as invenções com toda a pluralidade de significados (LOPES, 2000).

<sup>16</sup> Fortalecia-se o sentimento de orgulho dos paulistas com manifestações de ufanismo, associada ao crescimento industrial e urbano da cidade, vinculando-os à “crença ilimitada no progresso... não foi à toa que, para essa caracterização, se acessasse do passado a figura do bandeirante, cultuada desde os últimos decênios do século XIX, como força simbólica capaz de propiciar, ao mesmo tempo o culto a uma história regional épica e a projeção de um futuro cada vez mais promissor.” (FERREIRA, 2005).

<sup>17</sup> A “invenção” da paulistaneidade assumia o tom ufanista tinha o propósito de contagiar e empolgar, alicerçar e consolidar a liderança econômica, política e cultural de São Paulo, apresentava-se como um exemplo para a nação. Tendo como pressupostos certas construções do passado: a fundação da vila pelo jesuíta José de Anchieta, os bandeirantes, o palco da independência, estas representações foram largamente divulgadas, subjetivadas e até naturalizadas, também pela tradição historiográfica paulista que por muito tempo privilegiou a temática da indústria, do trabalho, dos trabalhadores e de seus movimentos. (MATOS, 2009).

<sup>18</sup> No cenário modernista, 1928 é emblemático, foi o ano de publicação de *Retrato do Brasil* de Paulo Prado, *Macunaíma* de Mário de Andrade, *Martim Cererê* de Cassiano Ricardo e *Cobra Norato* de Raul Bopp.

<sup>19</sup> Destaca-se que, de 1914 (quando da publicação da crônica *Urupês*, em *O Estado de S. Paulo*, depois em livro, em 1918) até 1947, as representações do homem do campo, em Lobato, buscavam apreender a trajetória e características do povo brasileiro, o autor percorreu várias posições, num esforço de atualização, sendo possível apreender as dificuldades de relativizar suas certezas. (LAJOLO, 2000).

<sup>20</sup> A lei norte-americana, de orientação eugênica, gerou considerável debate no Brasil e coincidiu com a circulação, entre os intelectuais e cientistas, de uma eugenia negativa e racista. (Stepan, 2005),

<sup>21</sup> Araraquara [...] foi nessa região que resolvi, há 12 anos escrever *O estrangeiro*. Lembro-me bem daqueles dias luminosos em que o automóvel corria, levando-me pelas estradas [...] eu ia encontrando bandeiras verde-amarelas, palpitando aos ventos do sertão. Debaixo do pavilhão nacional, comungando no mesmo sentimento do Brasil, eu vi milhares de criancinhas, filhos de italianos, espanhóis, sírios, portugueses, outras oriundas de pais que procediam de todo o território nacional, notadamente do Ceará, Bahia, Minas e Rio Grande. Imaginei, nessa época (1922), a figura central do meu romance, o professor *Juvêncio* e o seu contraste, *Ivan*, o intelectual que não compreendeu a Terra, o estrangeiro de todos os países, o desenraizado sem Pátria, que tanto pode ser um russo como um brasileiro de portas de livrarias. Tudo o que escrevi nas páginas daquele livro, que eu considero o primeiro manifesto integralista, eu senti nesta parte do sertão da minha terra. (SALGADO, 1935, p. 24-25).

<sup>22</sup> O governo italiano tinha como proposta manter os vínculos de sentimento de “amor à Pátria” entre grande número de emigrados e seus descendentes, atuava com o intuito de estimular as práticas associativas e dava maior ênfase ao ensino da língua e cultura italianas. As escolas abertas no estrangeiro tinham a possibilidade de registrar-se no *Regio Consolato* e solicitar subvenção, o

governo italiano enviava livros, mapas e outros materiais didáticos, além de valores em espécie, para cada escola. A Associação Dante Alighieri foi um dos principais baluartes desta proposta (OTTO, 2013).

<sup>23</sup> Destaca-se a relação entre o romance *O estrangeiro* e o pensamento integralista e afirma: “O estrangeiro, romance sobre a imigração, é um panfleto nacionalista, racista, xenófobo e antisemita.” p. 2 (tradução livre). O objetivo é demonstrar o pensamento nacionalista de Plínio Salgado, exaltando a aversão ao estrangeiro que, segundo o autor, estará presente dentro do movimento integralista (TONUS, 2000, p. 3).

## REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante*. 1985. 270f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1999.

ALBUQUERQUE, Carlos de Faria. *Plínio Salgado: resumo biográfico*. Salvador: Gazeta dos Municípios, 1951.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1978.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: \_\_\_\_\_. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990, p. 47-52.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ANTUNES, Paulo C. Azevedo. *Eugenia e imigração*. São Paulo: FMSP, 1926.

BARROS, José Eliseo de. *O modernismo integralista nos romances O esperado e O estrangeiro de Plínio Salgado*. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Falar literariamente da alteridade: Plínio Salgado em *O Estrangeiro*. *Letterature d'America*, Roma, v. 87, p. 53-83, 2001.

CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22: entre vaias e aplausos*. São Paulo: Boitempo, 2002.

CAMPOS, Maria José. “Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e a democracia racial brasileira: versões modernistas em movimento”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 22, 2007, Recife. *Anais...* Recife: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2007. Disponível em: <[www.sbsociologia.com.br/portal/index.php](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php)>. Acesso em: 20/10/2013.

CASTANEDA, Luzia. Da eugenia à genética: alcoolismo e hereditariedade nos trabalhos de Renato Kehl. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 6, 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SBHC, 1997, p. 252-256.

DEL PICCHIA, Menotti. “O problema racial”. *Correio Paulistano*, São Paulo, ago.1926, p. 3.

DIWAN, Pietra Stefania. *O espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl 1917-37*. 2003. 190f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

DOREA, Augusta Garcia. *O romance modernista de Plínio Salgado*. São Paulo: IBRASA, 1978.

FERREIRA, Antonio Celso. Vida (e morte?) da Epopeia Paulista. In: LUCA, Tania Regina de; FERREIRA, Antonio Celso; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (Org.) *Encontros com a história, percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 91-106.

\_\_\_\_\_. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção história (1870-1940)*. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. “Modernos Mamelucos”. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *São Paulo, uma viagem no tempo*. São Paulo: CIEE, 2005.

FERRERO, Gina Lombroso. *Nell’America Meridionale (Brasile-Uruguay-Argentina)*. Milano: Fratelli Treves Editori, 1908, p. 34.

GODOY, Paulo. *Eugenia e Seleção*. São Paulo: FMSP, 1927.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Assis da Silva. Eugenia em debate: Medicina e Sociedade no I Congresso Brasileiro de Eugenia. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2010.

GONÇALVES, Marcos A. *1922 – a Semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (Org.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultura, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p.79-99.

GUIMARÃES FILHO, Álvaro. *Da hygiene mental e sua importância em nosso meio*. São Paulo: FMSP, 1926.

KEHL, Renato. A eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. *O Brasil Médico*, Rio de Janeiro, n.30, p.855-864, jul. 1929.

KEHL, Renato. A esterilização sob o ponto de vista Eugênico. *O Brasil Médico*, Rio de Janeiro, v. 35, pp. 155-57, 1921.

\_\_\_\_\_. *Lições de eugenia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1929.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas. A caricatura na literatura paulista, 1900-1920*. São Paulo: UNESP, 1996.

LAJOLO, M. P. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob-medida*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Rio de Janeiro: Globo, 2010.

\_\_\_\_\_. Forças novas. In: CARVALHO, José Baptista (Ed.). *Plínio Salgado: in memoriam*. São Paulo: Voz do oeste: Casa de Plínio Salgado, 1985, p. 110-113. v.1.

LOPES, Antonio Herculano (Org.). *Entre Europa e África: A invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Top books: Casa Rui Barbosa, 2000.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, Projetos e (Re)vista(s) do Brasil: 1916-1944*. São Paulo: UNESP, 2011.

MACHADO, Antonio Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China*. Rio de Janeiro: O Globo: Klick, 1997.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos educadores e discursos eugênicos*. Campinas: Unicamp, 1994.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Ancora de emoções*. Bauru: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo de Adoniran Barbosa*. Bauru: EDUSC, 2009.

\_\_\_\_\_. “São Paulo dos italianos: cultura, sonoridades e musicalidade”. In: MATOS, Maria Izilda; MENEZES, Lená. *Italianos no Brasil: partidas, chegadas e heranças*. Rio de Janeiro: UERJ: LABIMI, 2013, 149-160.

MEDEIROS, Potyguar. *Sobre a Prophylaxia da syphilis*. São Paulo: FMCSF, 1926.

MENDES, José Sacchetta Ramos. *Laços de sangue; privilégio e intolerância à imigração portuguesa no Brasil*. Porto: CEPSE, 2010.

MONTELEONE, Pedro. *Os cinco problemas da eugenia brasileira*. São Paulo: FMSP, 1929.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Os italianos e os modernistas paulistas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., *Anais...* Caxambú: ANPOCS, 2002, p. 1-31. Disponível em: <[www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=4426&Itemid=317](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4426&Itemid=317)> Acesso em: 20 out. 2013.

OLIVEIRA, Ubaldino Antunes. *Prophylaxia social*. São Paulo: FMCSF, 1924.

OTTO, Clarícia. As escolas Dante Alighieri e os periódicos como estratégias na invenção da italianidade. In: MATOS, Maria Izilda Santos de et al (Org.). *Italianos no Brasil: partidas, chegadas e heranças*. Rio de Janeiro: UERJ: LABIMI, 2013, p.274-285.

PICCHIA, Menotti del. *Juca Mulato*. São Paulo: Casa Editora “O Livro”, 1921.

\_\_\_\_\_. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 mar 1936. In: SALGADO, Plínio et al. *Plínio Salgado*. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936, p. 229.

PRADO, Antônio Arnoni. *1922 – itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a semana e o integralismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RIBEIRO, Mariana Cardoso dos Santos. *Venha o decreto de Expulsão. A legitimação da ordem autoritária no governo Vargas (1930-1945)*. 2003. 178f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

RICARDO, Cassiano. *Borrões de Verde Amarelo*. Editorial Helios: São Paulo, 1925.

---

\_\_\_\_\_. *Martim Cererê ou o Brasil dos Meninos, dos Poetas e dos Heróis*. São Paulo: Editorial Helios, 1928.

SALLES, Iraci G. *Trabalho, progresso e a sociedade Civilizada*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SALGADO, Plínio. Não matarás. *Revista do Brasil*: Seção de obras de “O Estado de S. Paulo”, n. 58, p. 142-145, out. 1920.

\_\_\_\_\_. Arte Brasileira. In: \_\_\_\_\_; PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano. *O curupira e o carão*. São Paulo: Helios, 1927, p. 31-42.

\_\_\_\_\_. Do sertão Paulista – Escrito na Fazenda Palmeira em Taquaritinga em 2 de agosto de 1934. In: \_\_\_\_\_. *Cartas aos camisas verdes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935, p. 24-25.

\_\_\_\_\_. *Despertemos a Nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

\_\_\_\_\_ et al. *Plínio Salgado*. São Paulo: Ed. da Revista Panorama, 1936.

\_\_\_\_\_. *Geografia sentimental*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

\_\_\_\_\_. Literatura e Política. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956. v. 19.

\_\_\_\_\_. A poesia em São Paulo no ano do centenário da independência. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*: Críticas e Prefácios. São Paulo: Américas, 1956, p.133-154. v.19.

\_\_\_\_\_. Modernismo literário no Brasil. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 15 set. 1968.

\_\_\_\_\_. *Nosso Brasil*. 4. ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1981.

\_\_\_\_\_. *O estrangeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936.

\_\_\_\_\_. Sentimentais. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956. v. 20.

\_\_\_\_\_. O Eco. In: BRITO, Mário da Silva. *Poetas paulistas*: da semana de arte moderna. São Paulo: Martins, 1972, p. 161-162.

\_\_\_\_\_. 50 anos de modernismo: o depoimento de Plínio Salgado. *O cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 90-91, 09 fev. 1972.

\_\_\_\_\_. A semana da arte moderna no seu cinquentenário (10-05-1972). In: \_\_\_\_\_. *Discursos parlamentares*. Seleção e introdução de Gumercindo Rocha Dorea. Série Perfis Parlamentares, Brasília: Câmara dos Deputados, 1982, p. 576. v. 18.

\_\_\_\_\_. Pelo destino do Brasil. In: \_\_\_\_\_. *A quarta humanidade*. São Paulo: GRD, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre uma certa identidade paulista. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *São Paulo, uma viagem no tempo*. São Paulo: CIEE, 2005, p. 153-170.

STEPAN, Nancy Leys. “A hora da eugenia”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

---

SOUZA, Vanderlei Sebastião. *A política biológica como projeto: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. 2006. 270f. Dissertação (Mestrado em História) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as ideias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920. *Revista de História Regional, Ponta Grossa*, v. 11, n. 2, 2006, p. 29-70.

TELES, Gilberto Mendonça (Org.) *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. *História, ciência e Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 57-78, Maio/Ago., 2002.

TONUS, José Leonardo. Progrès et décadence dans le roman *O estrangeiro* de Plínio Salgado. In: PENJON, Jacqueline; PASTA JÚNIOR, José Antonio (Org.). *Littérature et Modernisation au Brésil*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Difel: UFRGS, 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *O mito da originalidade brasileira: a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (dos anos 20 ao Estado Novo)*. 1983. 213f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1983.

ZEM EL-DINE, Lorena Ribeiro. *Raça, história e política em Alfredo Ellis Jr. e Cassiano Ricardo*. 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.